



# Primazia da amizade social sobre a amizade de mercado

The primacy of social friendship over market friendship

*Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães\**

PUC-MG

Recebido em: 11/10/2023. Aceito em: 07/11/2023.

**Resumo:** *A fraternidade e amizade social são tratadas neste artigo no campo da teologia pastoral, em diálogo com outros saberes, com o objetivo de aprofundar a sociedade fraticida e a inimizade social contemporâneas e, ao mesmo tempo, articuladamente, defender a primazia da amizade social sobre a pretendida amizade da economia de mercado, caracterizada por relações mediadas pelo dinheiro, lucro e interesses corporativistas de operadores do poder, como uma perspectiva de retomada das saudáveis relações interpessoais, comunitárias e sociais, como elemento indispensável à reumanização ou à construção de um novo humanismo, como propõe o Papa Francisco.*

*São abordadas realidades como as desigualdades (principal definidor do injusto e perverso desarranjo mundial), o ódio, o fundamentalismo religioso como matriz do conservadorismo e do reacionarismo, a inspiração em Nazaré como condição de possibilidade para a fraternidade, o reconhecimento do outro, a destinação universal dos bens. Por último, uma declaração de que fraternidade (real) e amizade social são possíveis.*

**Palavras-chave:** *Fraternidade; amizade social; transformação sociopolítica; vivência da fé cristã.*

**Abstract:** *Fraternity and social friendship are addressed in this article within the field of pastoral theology, engaging in dialogue with other areas of knowledge, with the aim of deepening our understanding of contemporary fratricidal society*

---

\* Mestre em Teologia (FAJE, Belo Horizonte, 1993). Licenciado em Filosofia (PUC Minas, Belo Horizonte, 1982). Docente e pesquisador na PUC Minas (1990-2022), no Instituto de Filosofia e Teologia Santo Tomás de Aquino, ISTA (1990-2005). Fundador e coordenador do Instituto Superior de Pastoral PUC Minas, ISPAL (1998-2011). Editor fundador da Revista HORIZONTE, de estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas. Reitor da PUC Minas (2007-2022). Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte (desde 2006).

E-mail: [jmol@pucminas.br](mailto:jmol@pucminas.br).





*and social enmity. At the same time, it seeks to advocate for the primacy of social friendship over the purported friendship of the market economy, characterized by relationships mediated by money, profit, and the vested interests of power operators. This perspective aims to promote the restoration of healthy interpersonal, communal, and social relationships, seen as indispensable elements for rehumanization or the construction of a new humanism, as proposed by Pope Francis. The article explores various aspects, such as inequalities (the primary defining factor of the unjust and perverse global disorder), hatred, religious fundamentalism as a source of conservatism and reactionism, inspiration drawn from Nazareth as a condition for the possibility of fraternity, the recognition of the other, and the universal destination of goods. Finally, it concludes with the assertion that true fraternity and social friendship are attainable.*

**Keywords:** *Fraternity; social friendship; sociopolitical transformation; living the Christian faith.*

## Introdução

A Campanha da Fraternidade da Igreja católica no Brasil, realizada anualmente na mesma época do tempo litúrgico da quaresma, exatamente por se tratar de uma campanha em torno de realidades importantes e desafiadoras na vida do povo brasileiro, que implica a conversão dos cristãos e cristãs, celebrada na preparação para a solenidade da Páscoa do Senhor Jesus Cristo, no ano de 2024, apresentará a realidade da fraternidade (ou a falta dela) e a amizade social (ou a falta dela).

A amizade social entrou, recentemente, no vocabulário dos católicos, a partir da publicação da “Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social”,<sup>1</sup> pelo Papa Francisco. Agora o esforço é fazê-la entrar no cotidiano das pessoas, comunidades eclesiais, decisões das autoridades e lutas dos movimentos populares.

Imagino estar concordado entre nós que tratar a fraternidade e a amizade social remete, imediatamente, à possibilidade de uma nova sociedade, justa, solidária, igualitária, fraterna, na qual os pobres, miseráveis, famintos e excluídos têm o seu lugar e nela são incluídos exatamente para deixarem a condição em que se encontram. A fraternidade e amizade social exigem reflexões e estudos aprofundados, para não se tornar risível por parte dos que, por interesses nem sempre confessáveis, não desejam abordar o tema, tanto quanto exigem práticas transformadoras, capilarizadas onde se transformam boas ideias em bons projetos,

<sup>1</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Brasília: Edições CNBB, 2020.



bons projetos em pessoas incluídas. São duas margens de um mesmo caminho, em interações.

Não há pretensão, neste artigo, de retomar ou apresentar o texto-base da CF 2024, mas de contribuir com reflexões de outros ângulos, abrindo o espectro do entendimento desse binômio e propondo que sejamos ativistas da fraternidade e da amizade social.

Esse assunto é tão crucial que há muito tempo já foi transformado em oração eucarística, a que leva o nome de “Jesus que passa fazendo o bem”, particularmente bela. Em seu prefácio reza-se”:

*Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia para com os pequenos e os pobres, os doentes e os pecadores, e se fez próximo dos aflitos e oprimidos. Por sua palavra e ação anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos os vossos filhos e filhas.<sup>2</sup>*

Os integrantes da comunidade dos seguidores de Jesus, são chamados, na alegria do Evangelho, a serem misericordiosos como Jesus, atentos e operantes em relação aos pobres, doentes, pecadores, aos que vivem na miséria e com fome, aos que esperam dos cristãos fraternidade e amizade social. O critério fundamental e aferidor da autenticidade do processo de conversão é a consciência crescente de que ou nos salvamos todos ou ninguém se salva.

Mais adiante, seguindo a oração eucarística, depois de pedir que o Espírito Santo una a comunidade num só corpo, o corpo eclesial, rezam-se, tocados profundamente, listando, na mesa da eucaristia, tanto vítimas de dessa sociedade fratricida como os compromissos da Igreja de Jesus Cristo por uma fraternidade real, contra a injustiça e aporofobia.

*Abri nossos olhos para perceber as necessidades dos irmãos e irmãs; inspirei-nos palavras e ações para confortar os cansados e oprimidos; fazei que os sirvamos de coração sincero, seguindo o exemplo e o mandamento de Cristo. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se reanime com uma nova esperança.<sup>3</sup>*

O tema será abordado em três capítulos, cada um com três seções, de modo a oferecer uma sistematização do assunto, que goza de grande

<sup>2</sup> CNBB. *Missal Romano*. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

<sup>3</sup> *Ibidem*.



abrangência e implica em escolhas. O primeiro capítulo, intitulado “Fratricídio e inimizade social”, aborda três pontos-chave que dão a conhecer o quanto a sociedade está distante da fraternidade e da amizade social e, ao contrário, resiste a fazer transformações em favor delas: «as desigualdades», «o ódio», e o «fundamentalismo e sua prole».

No segundo capítulo, com tom de positividade, que leva o nome de “Fraternidade e amizade social”, como uma espécie de iluminação do tema, são percorridos nas seguintes seções: “como em Nazaré”, “o outro” e “a destinação universal dos bens”, para lembrar não só a possibilidade de uma sociedade humanizada e atenta à ecologia integral, mas também para dizer que existem fraternidade e amizade social.

Por fim, no terceiro capítulo, cujo título é inspirado em Francisco, “*Fratelli, sorelle e amici tutti*”, coloca sobre a mesa do debate “o novo humanismo”, “a comunitarização social e eclesial” e a “fraternidade real”, já que ele poderá esgotar-se nos repetitivos discursos pronunciados sem força de convocação, sem convicção e sem a coerência do testemunho. Na linha do horizonte estendemos a possibilidade de sermos irmão e irmãs e, quem sabe, amigos e amigas “no” Senhor, que nos ensinamentos de Jesus tem um valor teológico-pastoral e kenótico imensurável: “já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer,”<sup>4</sup> revelando alto grau de cumplicidade, na feitura da fraternidade e da amizade social.

## 1 Fratricídio e inimizade social

### 1.1 As desigualdades

Só podemos avançar na compreensão da fraternidade e da amizade social, além de pios conselhos, se levarmos esse binômio a um mergulho em seu próprio significado, em suas implicações para a vida prática e suas correlações com outros assuntos. Não é difícil concluir que, verificando a realidade, encontramos arraigado no *modus pensandi* e no *modus vivendi* de brasileiros que exercem poderes, enricados, de classe média e, também, do meio popular, o fraticídio e a inimizade social, exatamente o contrário do que aqui precisamos defender. Refiro-me à realidade de

<sup>4</sup> Jo 15,15. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003. Todas as citações serão retiradas dessa BJ.



modo global, mas principalmente de modo local, a realidade brasileira. Não é necessário afirmar que não é toda a realidade do povo brasileiro marcada pelo desamor e pela falta de fraternidade. Há experiências de vida fraterna, um pouco em cada lugar, o que é consolador e estimulante. Feita essa ressalva, destaco alguns dos mais graves problemas que assolam o povo pobre, impiedosamente.

A desigualdade social – mas também educacional, cultural, econômica, política e existencial, que mantêm entre si uma relação de retroalimentação e de interdependência – é a mais perversa das características desta época. Somos marcadamente desiguais. A desigualdade na sociedade brasileira é estruturante, histórica, porque,

*de fato, o Brasil nasceu desigual pela escassez socialmente criada e institucionalizada da terra e pela escravidão da mão de obra indígena, nativa e negra, importada do continente africano. Assim criou-se o paradigma sociogeográfico da sociedade brasileira visível e presente até hoje, sob a forma de “casa-grande & senzala.”<sup>5</sup>*

O espírito de “casa-grande & senzala”<sup>6</sup> prevalece nas desigualdades regionais e nas desigualdades a que estão submetidos os povos tradicionais, que desde o início vêm perdendo seus territórios, e em meio aos povos pobres e miseráveis, concentrados nas vilas, favelas e cortiços urbanos. Para o mundo, o Brasil é a sétima potência no campo econômico, mas sabe-se bem que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, o coloca na octogésima posição.<sup>7</sup> É uma colocação vexatória, normalizada, que revela a injustiça institucional brasileira, dada a contradição diante da riqueza econômica do país. O índice de GINI,<sup>8</sup> que mede a concentração de renda, atribui ao Brasil a posição 0,489.

<sup>5</sup> CNBB. *A desigualdade social no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 9.

<sup>6</sup> *Casa-grande & Senzala* é a famosa obra de Gilberto Freyre, um dos maiores polímatas brasileiros: como escritor, dedicou-se à ensaística da interpretação do Brasil sob ângulos da sociologia, antropologia e história, mas também escreveu ficção, fez jornalismo, foi poeta e pintor. É considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX. Sua leitura é indispensável a quem deseja compreender a cultura e a anticultura brasileiras. Sugiro a edição crítica: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Coord. GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez; FONSECA, Edson Nery. Nanterre/França: Aubin Imprimeur-Ligugé, 2002.

<sup>7</sup> CNBB, 2015, p. 10.

<sup>8</sup> No índice de Gini, o zero corresponde à total igualdade e o 1, à total desigualdade. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/indice-gini.htm#%C3%8Dndice+de+Gini+no+Brasil>. Acesso em: 21 set. 2023.



O Brasil é recordista em desigualdades. Pode-se notar pelos mais de trinta por cento (30%) dos 211,8 milhões de brasileiros, residentes nos 5.570 municípios, que precisaram de socorro na etapa inicial do mísero auxílio de seiscentos reais (R\$ 600,00) – uma esmola aprovada pelo Congresso – durante a pandemia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em julho de 2020. São 68 milhões de brasileiros em situação de extrema pobreza, que coloca o Brasil entre os 10 países mais desiguais do mundo, além de ser o segundo maior em concentração de renda entre 180 países, abaixo apenas do Catar.<sup>9</sup>

Também a questão tributária é reveladora da desigualdade na medida em que se constata que pobres e ricos pagam a mesma alíquota para comprar eletrodomésticos, por exemplo, que para o pobre representa uma fração bem maior da sua renda. O imposto sobre patrimônio, que alcançaria os ricos, é desprezível. Não há imposto sobre fortunas e heranças, que representa um escândalo na gestão fiscal do Brasil. Quinze famílias mais ricas do Brasil detêm um patrimônio equivalente a 270 bilhões de reais, o dobro dos 137,3 bilhões aplicados no programa Bolsa Família. De 1995 a 2007, a dívida pública aumentou 20 vezes, alcançando o valor de 1.390 trilhão de reais e chegou a 52% do PIB, tendo sido pagos 651 bilhões de reais a título de juros. Enquanto isso a educação e a saúde foram subfinanciadas, perpetuando a falta de quantidade e qualidade,<sup>10</sup> confirmando a realidade denunciada por Gilberto Freyre.

A realidade pode ser resumida assim: no âmbito cultural, há uma profunda e avassaladora crise de valores; no âmbito econômico, sobrepõe a hegemonia do mercado financeiro que atende aos interesses dos rentistas; no âmbito político, constata-se o enfraquecimento das instituições, agravado por milhões de brasileiros que hoje, atacam a democracia e preferem ditaduras; no âmbito religioso, há uma perigosíssima associação de igrejas e grupos fundamentalistas com poder autoritário; no âmbito social, há uma erosão de direitos sociais e de cidadania.

É preciso impor agendas transformadoras no campo da economia, com o suporte jurídico-político, para diminuir as desigualdades. Mas é preciso ficar atento porque

<sup>9</sup> SASSE, Cintia. *Recordista em Desigualdades*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Acesso em: 21 set. 2023.

<sup>10</sup> CNBB. 2015, p. 12-13.



*Nenhuma dessas receitas é à prova de idiotas; é provável que todas diminuam apenas um pouco o poder político dos 1% [mais ricos]. No entanto, em conjunto com a agenda de reformas econômicas [da seção anterior], dão boas perspectivas para uma nova era da nossa economia, da nossa política e da nossa sociedade.<sup>11</sup>*

A democracia precisa alcançar todos os âmbitos acima citados, o que justifica falar de democracia econômica, social e educacional, já que a democracia política é a que conhecemos, ainda muito restrita à sua modalidade representativa, uma vez que faltam canais de participação efetiva, para que seja praticada a democracia participativa. Há, contudo, esperanças se a sociedade conseguir argumentar que poderíamos ter uma economia real, mais dinâmica e eficiente e uma sociedade mais justa e se conseguirmos destruir o mito

*de que os 99% mais pobres podem aperceber-se de que foram enganados pelo 1% mais ricos, que os interesses dos 1% não são os seus interesses. O 1% trabalhou muito para convencer os restantes de que um mundo alternativo não é possível; que fazer alguma coisa que os 1% não desejam irá inevitavelmente prejudicar os 99%.<sup>12</sup>*

Na Encíclica *Caritas in veritate*<sup>13</sup> há algumas ponderações sobre a economia de mercado e a globalização, de forma complacente, como se o desenvolvimento da confiança recíproca e generalizada no mercado o fizesse promotor da vida digna das pessoas, supostamente de todas as pessoas. É como se o mercado, por si, fosse neutro, em relação à geração da desigualdade social. Seguem as duas ponderações:

*o mercado, se houver confiança recíproca e generalizada, é a instituição econômica que permite o encontro entre as pessoas;<sup>14</sup>*

<sup>11</sup> STIGLITZ, Joseph E. *O preço da desigualdade*. Lisboa: Bertrand Editora, 2016. p. 377. Na capa desse livro está estampada a opinião do importante Jornal Britânico independente, De Guardian, sobre Stiglitz: “O Prêmio Nobel de Economia arrasa a ideologia neoliberal que tornou a sociedade intoleravelmente injusta.” Stiglitz é um dos economistas que gozam de simpatia de assessores do Papa Francisco no campo econômico.

<sup>12</sup> STIGLITZ, 2016, p. 377.

<sup>13</sup> BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in veritate*: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Brasília: Edições CNBB, 2009. p. 43-55.

<sup>14</sup> BENTO XVI, 2009, n. 35, p. 43.



*a sociedade não tem que se proteger do mercado, como se o desenvolvimento deste implicasse ipso facto a morte das relações autenticamente humanas.*<sup>15</sup>

Por outro lado, nesse mesmo documento há algumas pontuações que podem facilitar o diálogo e o entendimento de que a Igreja continua crítica do atual sistema, assim como deve ser crítica de todo e qualquer sistema, em função da prática da justiça, da igualdade, da dignidade humana, da preservação da casa comum.

*A doutrina social da Igreja considera possível viver relações autenticamente humanas de amizade e camaradagem, de solidariedade e reciprocidade, mesmo no âmbito da atividade econômica e não apenas fora dela ou depois dela;*<sup>16</sup>  
*a globalização a priori não é boa nem má. Será aquilo que as pessoas fizerem dela [...]. Adequadamente concebidos e geridos, os processos de globalização oferecem a possibilidade duma grande redistribuição da riqueza em nível mundial, como antes nunca tinha acontecido.*<sup>17</sup>

Fica na pauta do aprofundamento, com vistas a urgente resolução, da “corrosão do capital social”, a “justiça distributiva e a justiça social”, a “prosseção do bem comum”, a “progressiva abertura para formas de atividade econômica caracterizadas por quotas de gratuidade e de comunhão”.<sup>18</sup>

Essas cargas positivas a economia de mercado não pratica, nunca praticou e não há indícios de que algum dia, praticará, pois essa é a mesma economia de mercado “da exclusão e da desigualdade social, a economia que mata”,<sup>19</sup> afirma categoricamente o Papa Francisco, ao enfatizar que

*alguns defendem ainda as teorias da «recaída favorável» que pressupõe que todo crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Essa opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma*

<sup>15</sup> BENTO XVI, 2009, n. 36, p. 44.

<sup>16</sup> BENTO XVI, 2009, n. 36, p. 45.

<sup>17</sup> BENTO XVI, 2009, n. 42, p. 54.

<sup>18</sup> BENTO XVI, 2009, n. 32.35.36.39, p. 37.43.44.49.

<sup>19</sup> Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 53. p. 48.



*confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante.*<sup>20</sup>

## 1.2 O ódio

O ódio não é um mero sentimento passageiro. Na Bíblia, em seu Primeiro Testamento, o ódio é um termo bastante comum e bastante difuso nas relações entre as pessoas e grupos:

- a) Aparece um ódio de pessoa para com outra pessoa, como podemos notar em Gn 26,27: Isaac é odiado por causa das disputas por águas; Em Jz 11,7, Jefté é odiado pelos seus irmãos por ser filho ilegítimo; em 2Sm 13,22, Absalão odiava Aminon por causa do rapto de Tamar; em 1Rs 22,8, Acab odiava Miquéias, porque ele não profetizava segundo os desejos do rei.
- b) Havia também ódio entre irmãos de uma mesma família, como é o caso de José e seus irmãos em Gn 37, mas esse ódio era proibido por lei.

O ódio geralmente conduzia ao homicídio. Era forte. Curioso notar que, em caso de homicídio devia ser verificado se o homicida odiava a vítima: se não, o homicídio era um pressuposto acidental; se sim, presumia-se maldade atroz (Dn 4,42; 19,4.6.11). É também curioso observar que em algumas variáveis o vocábulo “odiar” aparece no lugar de “não matar”, como em Ml 1,3, em que Iahweh odeia Esaú, isto é, ele prefere Jacó. Os maus odeiam a Iahweh (Ex 20,3; Sl 68,2), pois opor-se à vontade de outro é demonstrar-lhe ódio, por isso o mal odeia o justo, mas também o justo odeia o mal (Sl 97,10; Is 33,15); por antropomorfismo Iahweh odeia a injustiça (Is 61,8) e o orgulho (Eclo 10,7).

Já, o Novo Testamento insiste na superação da aceitação casual do ódio, por isso Jesus ordena os seus discípulos a fazerem o bem aos que os odeiam (Lc 6,27), porque aquele que odeia o seu irmão ainda está nas trevas e, na verdade, ao odiar, ele se torna um homicida (1Jo 2,9.11.15), porque o ódio leva ao homicídio, ao extermínio do outro. Não custa lembrar, mais uma vez, que é mentira dizer que alguém ama a Deus quando odeia o irmão (1Jo 4,20). Mais além há uma consequência inesperada: É consenso nos Evangelhos que os discípulos serão odiados

<sup>20</sup> FRANCISCO, 2013, n. 54, p. 48-49.



pelo mundo (Mt 10,22; Mc 13,13; Lc 6,22.27), assim como o mundo odeia a Jesus (Jo 7,7; 15,18).

O discurso de ódio hoje presente no Brasil – e no mundo – é pura anticomunicação, é comunicação manipulada, adulterada. Nos discursos de ódio podemos identificar o DNA da anticomunicação, ou seja, a intolerância que invade territórios, o maniqueísmo que invade consciências e a violência que invade as relações interpessoais, comunitárias e coletivas. É nesse *habitat* do ódio, que se criam histórias quentes, envolventes, emocionantes para tornar críveis “sensações de verdade”, desenvolvê-las e disseminá-las, como organismos vivos e seus fatores bióticos. Assim se criam as chamadas verdades de opinião – não verdades do fato – como uma espécie de ódio rizomático, daquela violência que, como rizoma, cujo caule se expande sob a terra e vai gerando novas ervas daninhas, alastrando de forma descontrolada e desgovernada, para ganhar o mundo.<sup>21</sup>

Indo mais a fundo, podemos aproveitar os ensinamentos de um grande pensador contemporâneo, Moniz Sodré, que aborda, com propriedade, “o ódio como forma social”.<sup>22</sup> *Odiu* é aversão radical, parte contrária do amor. Ele é um fato socialmente explícito nos comportamentos, está presente e arraigado nas redes sociais, que criou o fenômeno *haters*, que significa odiadores, amigos do ódio ao outro; presente em discursos políticos, em defesas do neoliberalismo e da economia que mata e também de agentes religiosos. O ódio é o substrato dos profascismos emergentes, na medida em que afiançam o estado permanente de guerra. Apresenta-se como uma das principais figuras disruptivas da sociedade atual, entendendo bem que disruptivo é o processo de inversão de padrões instituídos, processo de reinvenção acelerada de formas de fazer e viver. O ódio, portanto, é disruptivo das relações amorosas, fraternas, civilizatórias da vida humana e da vida do planeta.

Giuliano Da Empoli, um pesquisador agudo, que coordena o grupo de pesquisa “Volta”, com sede em Milão, em seu livro *Os engenheiros do Caos*<sup>23</sup> – quase um clássico –, abre suas páginas lembrando um

<sup>21</sup> HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 229-239, em discussão, com Gilles Deleuze e Félix Guatarri, sobre violência rizomática.

<sup>22</sup> SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 229-263, que uso livremente.

<sup>23</sup> EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019.



pensamento de Woody Allen acerca do estado de coisas que vivemos hoje, que se aplica ao estado de fratricídios e inimizade social em implantação acelerada: “Os maus, sem dúvida, entenderam alguma coisa que os bons ignoram”. Ele mesmo, Giuliano, esclarece que:

*Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo, com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores.<sup>24</sup>*

O algoritmo dos engenheiros do caos, continua ele, “dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre «o povo» e «as elites», e conclui: “o escárnio vem sendo, desde então, a ferramenta mais eficiente para dissolver as hierarquias [...] e nada mais devastador para a autoridade que o impertinente, que a transforma em objeto de ridículo”.<sup>25</sup>

Por fim, é preciso reconhecer um realismo brutal no que publicou, na última capa de *Os engenheiros do caos*, o escritor e humorista, estadunidense, crítico do racismo, defensor de imigrantes, indígenas, antissemitas e do sufrágio feminino contra políticos poderosos, Mark Twain, que viveu entre o fim do século XIX e início do século XX: “uma mentira pode dar a volta ao mundo enquanto a verdade leva o mesmo tempo para calçar os sapatos”. Tal lógica precisa ser quebrada!

Finalmente, é próprio da amizade de mercado, de forma dissimulada ou militante, que envolve questões políticas, estimular o autoritarismo em defesa de si mesma e de suas causas. Ela precisa ser desmascarada, porque ela tem alto poder sedutor e de cooptação e por isso mesmo é melhor defini-la como inimizade de mercado, já que, no mercado, as relações são sempre mediatizadas pelo dinheiro e pelo lucro, e nunca são verdadeiramente relações interpessoais de fraternidade.

### 1.3 O fundamentalismo e sua prole

A amizade social é favorecida pela visão crítica da realidade, porque ela desperta nas pessoas a sensibilidade que extrapola os laços

<sup>24</sup> EMPOLI, 2021, p. 20.

<sup>25</sup> EMPOLI, 2021, p. 21.



sanguíneos. Outras redes de relações de amizade social vão sendo tecidas processualmente. Uma visão superficial da realidade, até alienante, em certa medida, é o que explica o predomínio da razão assistencial, que gera também uma amizade assistencial, filantrópica, que facilmente resvala para o assistencialismo e o desencargo da consciência humano-cristã, que diz: já estou fazendo o que posso! Essa amizade assistencial, que se concretiza da doação de alimentos, atendimentos para melhorar a saúde, proteção contra o frio excessivo, mas que não avança no campo das transformações das estruturas geradoras das desigualdades, ou seja, a assistência não consegue transformar-se em serviço social com força transformadora.

O Papa Francisco, insistindo na amizade social, portanto na leitura crítica da realidade, ensina que é necessário “pensar e gerar um mundo novo,”<sup>26</sup> o que implica abrir o horizonte para ir além, ir ao amor; implica sociedades abertas que integram a todos; implica superar um mundo de sócios; implica articular liberdade, igualdade e fraternidade; implica promover o bem moral e a solidariedade; tudo isso apoiado no pilar da função social da propriedade, no pilar dos direitos; e no pilar das novas relações interpessoais, sociais nacionais e internacionais. A amizade social motivada pela fraternidade humano-cristã é um grande e vigoroso projeto de humanização.

Mas, ao avanço desse projeto corresponde o avanço contrário do fundamentalismo. O fundamentalismo é a raiz que desenvolve e conduz os nutrientes necessários ao conservadorismo e ao reacionarismo. De outra forma: o fundamentalismo tem uma prole, porque o conservadorismo e o reacionarismo são filhos dele, nascem dele, têm as suas características típicas, de modo que quando se olha um, encontra-se a semelhança com o outro.

A prole é grande, articulada, perversa, cada vez mais assumida e engajada em se impor à sociedade. Um ajuda a explicar o outro. É no contexto do conservadorismo que reconhecemos o racismo e a supremacia branca; o neofascismo, que teima em exterminar o diverso; as fobias todas, capitaneadas pela aporofobia; o feminicídio e tantos outros. É no contexto do reacionarismo que impera o neoliberalismo, o rentismo, o extremo direitismo, as disputas de narrativas religiosas conservadoras, recheadas de *fake news*, como a teologia do domínio e da prosperidade;

<sup>26</sup> FRANCISCO, 2020, p. 51-70.



a inoperância, incompetência e morosidade (dependendo da situação) dos poderes públicos, executivo, legislativo e judiciários em tomar providências, criar políticas públicas, aplicar a lei na defesa dos direitos humanos e sociais, legislar para o povo pobre e não para segmentos de poder econômico que exercem controles sobre o conjunto da sociedade.

Sob o ponto de vista religioso, além do grave e crescente fundamentalismo e conservadorismo, enfrentados pelo Papa Francisco por meio de muitos pronunciamentos e do seu testemunho de vida, há também dois outros “inimigos sutis” da fraternidade, da amizade social e da própria relação saudável com Deus, hoje presentes na Igreja.

O primeiro é o gnosticismo, cujos inícios remontam ao século V, mas resiste ao tempo e apresenta traços atuais. Ele se materializa, erroneamente, em

*uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos.<sup>27</sup>*

A amizade social é rejeitada e ridicularizada por esse gnosticismo, já que os gnósticos se consideram os que tudo compreendem e explicam racionalmente. Vivem em um círculo fechado, como uma bolha, pretensamente elitizado, impondo doutrinações sobre as pessoas e tirando-as do esforçado empenho em construir um novo mundo, alicerçado na prática do amor, da fraternidade e da solidariedade, procurando incluir a todos e aprofundando suas relações de proximidade de Deus. Esse é um mal que se encontra na Igreja, quando se depara com pessoas, entronizadas no alto de seu narcisismo, que não consideram o outro na perspectiva salvífica, por não terem conhecimento; e do outro, especialmente do pobre, nem se aproximam. Sobre estes, ensina e alerta o Papa Francisco:

*Os gnósticos concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações [...] porque preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo [...].*

<sup>27</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exultate*: sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018. n. 36. p. 23-25.



*Isso pode acontecer dentro da Igreja, porque é típico do gnóstico crer que eles, com as suas explicações, podem tornar perfeitamente compreensível toda a fé e todo o Evangelho.*<sup>28</sup>

O segundo é o pelagianismo, a forma autoritária de agir dos autoritários de plantão, inchados de uma tarefa autoproclamada como sua: separar os bons dos maus, os santos dos pecadores, segundo eles próprios. Trata-se de um farisaísmo cínico. Está fortemente presente nas encruzilhadas da Igreja e da sociedade, quando estas enfrentam reformas para fazê-las participativas, envolventes, includentes, reconhecedoras da dignidade humana em todas as pessoas.

O poder que os gnósticos atribuem à inteligência, as pessoas de mentalidade pelagiana, atribuem ao esforço humano, à vontade de cada um, neutralizando a ação bondosa de Deus (Rm 9,16). A mentalidade pelagiana

*embora fale da graça de Deus com discursos suaves, no fundo só confia em suas próprias forças, e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico.*<sup>29</sup>

Ainda é preciso acrescentar jansenismo em sua versão atual e perigosa, lembrando aquele fundado por Cornelius Jansenius, do século XVIII e levado adiante pelo abade francês de Saint-Cyran, seguidor do primeiro. O jansenismo se define pelo seu alto fervor religioso diante de um Deus que não coincide com o Deus revelado por Jesus Cristo, por não se tratar de um Deus de todos, para todos, mas de um grupo, somente daqueles que afirmam acreditar nele e servi-lo. Uma espécie de Deus sem coração. Um bispo norte-americano, recentemente, declarou publicamente seu desacordo com o Papa Francisco e convocou os seus diocesanos a serem “descaradamente católicos,”<sup>30</sup> assim como outros procuram ser “terrivelmente evangélicos”, revelando a face atual do jansenismo.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> FRANCISCO, 2018, n. 36-40, p. 28-29.

<sup>29</sup> FRANCISCO, 2018, n. 47-49, p. 28.

<sup>30</sup> FRAGA, Brian. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631803-bispo-do-texas-domjoseph-strickland-diz-que-o-sinodo-de-roma-revelara-verdadeiros-cismaticos>. Acesso em: 23 set. 2023.

<sup>31</sup> FAUS, Jose Ignacio González. *Ultradireita católica: são católicos ou jansenistas*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632333-ultradireita-catolica->



O jansenismo, pelo seu rigorismo, é excludente e, portanto, não comporta a amizade social, tão somente a amizade entre iguais. A rigidez deles esconde seus muitos problemas de outras ordens, inclusive afetivo-sexual.

Por fim, fica referenciado o triunfalismo clerical, em tempos de clericalismo exacerbado e muito agressivo, de um lado, e o derrotismo laical, de outro. São categorias que, lembradas, desde o final do Vaticano II, devem ser superadas, para se introduzir e dar lugar ao horizonte de uma vida cristã como aceitação do amor de Deus, que se expressa na Igreja do Evangelho, pequeno rebanho.<sup>32</sup> Vigora, contudo, ainda hoje o triunfalismo clericalista.

## 2 Fraternidade e amizade social

### 2.1 Como em Nazaré

Nazaré é a metáfora da fraternidade e da amizade social. Uma metáfora criada pelo irmão universal Charles de Foucauld. Uma metáfora inspiradora. Ele crê firmemente que a fraternidade é resultado da aproximação de Deus a nós. Deus distante gera distâncias; Deus próximo, gera fraternidade. Quando há proximidade humana, abrem-se portas de solidariedade, compaixão, alegria e fraternidade. Foucauld afirma que “Deus, para nos salvar, veio a nós, misturou-se a nós, viveu conosco no contato mais familiar e mais estreito, da Anunciação à Ascensão,”<sup>33</sup> para indicar que esse é o caminho da fraternidade, ou seja, para definir a fraternidade como elo entre os discípulos de Jesus e, também, como elo da espécie humana.

O irmão Charles tomou Nazaré como uma espécie de paradigma estatutário da fraternidade e da amizade social. É o seu estatuto existencial e de fé. É a sua escola de aprendizados com o “doutor” em vida Nazaré, Jesus. Ele ensina com a autoridade de quem encarna a “vida Nazaré”:

*Toma como objetivo a vida de Nazaré, em tudo e por tudo, em sua simplicidade e em sua amplitude [...]. Nada de traje, como Jesus de*

---

-sao-catolicos-ou-jansenistas-artigo-de-jose-ignacio-gonzalez-faus. Acesso em: 23 set. 2023.

<sup>32</sup> RAHNER, Karl. *O cristão do futuro*. São Paulo: Fonte Editorial, [19--?].

<sup>33</sup> LAFON, Michel. *Quinze dias de oração com Charles de Foucauld*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 51.



*Nazaré; nada de clausura, como Jesus em Nazaré; nada de habitação longe de todo lugar habitado, mas sim perto de uma cidade, como Jesus em Nazaré; não menos de oito horas de trabalho por dia (sempre que possível, manual), como Jesus em Nazaré, nada de grandes espaços, nem moradas espaçosas, nada de grandes despesas, nem mesmo grandes esmolas, mas sim extrema pobreza em tudo, como Jesus em Nazaré [...]. Em uma só palavra: como Jesus em Nazaré.<sup>34</sup>*

A inspiração de Nazaré vai além e traz o desafio da amizade em tempos de inimizades, da fraternidade em tempos de fratricídios. Charles de Foucauld sugere que este é o tempo de fazer a pregação em silêncio, como Jesus em Nazaré, em meio a infinitos ruídos agressivos. Pregiar o Evangelho em silêncio tem sido a prática de cristãos e cristãs em suas comunidades, onde vivem e pregam, pregam e vivem, sempre em silêncio, numa atitude profunda de escuta do Senhor e dos outros. Clérigos da Igreja é que, preparados e treinados para falar, pregam falando, sobre todos os assuntos, o que explica sua grande dificuldade da vida Nazaré. A vida Nazaré é a que dá autoridade à fala. Fala melhor quem silencia melhor, porque silenciado é que se escuta o Senhor e os outros. Tudo indica que esse é o mais profundo alicerce para a fraternidade e a amizade social.

É preciso que chegue, com pressa, o tempo de costurar relações entre humanos, construir amizade social, ir lá aonde estão as pessoas, como Jesus que, para salvar e demonstrar o amor de Deus, desceu, misturou-se à humanidade, viveu com as pessoas. Ele comunicava pelo silêncio, pela bondade, pela amizade. A amizade social deve ser oferecida, sem segundas intenções, a todos os que, na espiritualidade cristã, são colocados no caminho dos cristãos, para que sejam amados e servidos. Nesse sentido, a amizade de fé é a amizade social, inclusiva. A irmãzinha Madalena completa:

*o grande desejo de amizade, que se deve ter em relação a todos os seres humanos, indo a eles simplesmente porque são amados e porque disso se quer dar-lhes testemunho gratuito, quer dizer, sem esperar nenhum reconhecimento nem resultado, mesmo de apostolado.<sup>35</sup>*

Os laços de amizade ultrapassam o que se imagina e o que se possa ver. A amizade social, essa desprestigiada amizade, recomendada

<sup>34</sup> LAFON, 2005, p. 51.

<sup>35</sup> LAFON, 2005, p. 56.



por Jesus no Evangelho, gera a ambiência para a fraternidade e torna-se a linguagem do Reino de Deus.

## 2.2 O outro

A alteridade está no centro do Evangelho, porque é pressuposto *sine qua non* do Reino de Deus, que por sua vez é o centro da mensagem e da pessoa de Jesus. A dinâmica do Reino de Deus já presente e ainda não realizado plenamente, revela cada “outro” e o grande “Outro”, por isso a alteridade é *dynamus*, o impulso do Espírito que movimenta as pessoas umas na direção das outras. Esse é o sabor teológico da alteridade. A teologia que dela fugir certamente fugirá de Jesus e do seu Reino.

Refletir sobre o outro, buscando caminhos de fraternidade e amizade social ou fundamentar a fraternidade e a amizade social reafirmando o lugar do outro, remete-nos a Emmanuel Lévinas, mestre da alteridade – um dos maiores pensadores sobre a alteridade na filosofia contemporânea – explica a alteridade pela relação ética do outro comigo, de modo a fazer-me responsável pelo cuidado do outro, desarticulando o egoísmo e não admitindo violência alguma, nem exclusão. Lévinas alça o outro à condição de epifânico, aquele que revela, que mostra o caminho, que chama à responsabilidade, à prática do cuidado, ao agir por ele, protegendo-o, sarando-o existencial e socialmente.

A amizade social constitui a linguagem da relação e da responsabilidade pelos outros, que não podem ser abandonados aos processos de coisificação das pessoas, de violentação da dignidade humana, de empobrecimento e miserabilidade de homens e mulheres injustiçados por instituições, empresas, Estados, governos, sistemas opressores e excludentes. Nisso está a condição de possibilidade da relação “alterocêntrica”.

*Só quem se coloca no lugar do outro, quem assume carregar o peso do sofrimento e do mal alheio, até assumir a responsabilidade da responsabilidade do outro, é verdadeiramente ele próprio, livre para acolher a transcendência dos Outros. Alguém só é um quando é um-pelo-outro.*<sup>36</sup>

Lévinas afirma, categoricamente, que “a diferença entre mim e o outro é não-diferença, é o um-pelo-outro. Mas o um-pelo-outro é a

<sup>36</sup> FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 150.



significância da significação”,<sup>37</sup> o que nos faz ficar, positivamente, uns refêns dos outros, reumanizando o que está desumanizado, edificando amizade social, no amor, valor supremo e operacional, que inspirou todos os projetos doutrinários e pastorais do Concílio Vaticano II.<sup>38</sup>

Jesus revela que Deus é amor (1Jo 4,8) e ensina que a lei fundamental da perfeição humana, e portanto da transformação do mundo, é o mandamento novo do amor.<sup>39</sup> O amor é a maior força humana, a maior força transformadora da pessoa, da comunidade e do mundo, por isso ele é reconhecido como esperança fundada de um outro mundo possível, rearticulado pelas prática de justiça, pelo acolhimento dos diferentes e diversos, pela orquestração de instituições favoráveis à preservação da vida humana e do planeta Terra, onde tudo está interligado e convocado a instaurar a fraternidade universal.

O amor é elemento constitutivo do ser humano e o põe acompanhado, porque ele não é uma ilha; o põe em entendimento com o outro, porque ele não é solidão; o põe em relação com os outros, porque ele integra comunidades. Por sua própria natureza a pessoa humana vive na cidade, não apenas por dar conta de linguagem capaz de debater com seus pares o que é correto ou não, o que é justo ou injusto, mas por unir-se a outra pessoa por “familiaridade” e amizade definidas, não por consanguinidade familiar, mas por uma espécie de “consanguinidade” social.

É verdade que existem múltiplas formas de comunidades e amizades. Assim:

*Quando a união se faz por interesse ou prazer, não se busca a presença do outro por ela mesma; a amizade só é perfeita, entre seres virtuosos, porque preferindo amar a ser amados, querem bem a seus amigos por eles mesmos, sem nada esperar de retorno e assim encontram sua alegria na amizade apenas.*<sup>40</sup>

<sup>37</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Altrimenti che essere o al di là dell'essenza*. Milano: Jaca Book, 1983. p. 273.

<sup>38</sup> JOSAPHAT, Carlos. Amor/caridade. In: PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015. p. 16-20.

<sup>39</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005. n. 54. p. 42.

<sup>40</sup> HARDER, Ives-Jean. Amor. In: LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p.111.



Indubitavelmente falamos de amizade social para incluir os pobres, a maior parte da humanidade, a maior parte dos brasileiros, a maior parte da população de quase todos os países. A escolha pela amizade social com os pobres, na esperança de ver sua dignidade recuperada, não é porque possam dar algo em troca, ou porque sejam mais santos do que outros. Essa escolha se dá por serem pobres, simplesmente por isso ou por isso tudo. Os pobres são o outro por evidência.

### 2.3 A destinação universal dos bens

Um dos elementos mais audaciosos e pertinentes da doutrina social da Igreja é fundamentar a propriedade privada sobre sua função social<sup>41</sup>, já que a propriedade privada é um dos eixos da acumulação de riqueza de uns em detrimento da maioria; o outro elemento é a insistência na destinação universal – e real – dos bens, porque é certo que o sistema econômico neoliberal, vigente como pensamento único, não produz igualdade, nunca produziu e nunca produzirá, porque ele é pensado a partir e para as desigualdade; ele produz desigualdades que grassam na sociedade.

Por isso o bem comum é necessário, porque ele prevalece sobre os interesses particulares e corporativistas. O homem só se realiza como pessoa humana inserido em sua comunidade, cujas normas legítimas ele deve respeitar, ressaltados os seus direitos fundamentais. O bem comum tem como cenário a ideia de que cada um deve considerar o próximo, sem exceções, classificando as pessoas, como “outro eu”. Mas, o que é mesmo bem comum? Como compreendê-lo? O que faz parte do bem comum?

Com maior interdependência estendida a todo o mundo,

*o bem comum é o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição. Ele se torne hoje cada vez mais universal e que esse motivo implique direitos e deveres, que dizem respeito a todo o gênero humano.*<sup>42</sup>

<sup>41</sup> JOÃO XXIII. *Mater et magistral*: sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. N. 111 Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html). Acesso em: 25 set. 2023.

<sup>42</sup> DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 1997. n. 66. p. 568.



Ao avançar na prática do bem comum, concretizamos a amizade social, tiramo-la do papel e, quem sabe, até de outras futuras campanhas de fraternidade, por se tornar uma vigorosa realidade. O bem das pessoas e dos grupos humanos definem o bem comum. A sociedade, por si, não tem consistência como realidade que independe das pessoas que a integram e compõem. Não convém pensar o bem comum apenas como o resultado da soma, do ajuntamento dos bens particulares; antes é preciso caracterizar o bem comum como o bem de todas as pessoas que constituem a sociedade, bem que todos gozam em comum e que possibilita a todos crescerem como seres humanos. A amizade social, por força da fraternidade cristã, poderá efetivar-se, como bem sonhado, se for efetivado tudo que implica o bem comum, como elencado abaixo:

*O bem comum compreende os bens particulares, porém não se reduz aos mesmos; os recursos materiais, não somente públicos, mas também privados, porque todos têm um destino comum para todos: a) o desenvolvimento das intercomunicações; b) uma legislação justa, a cultura, as normas do viver e do conviver que formam a base da educação; c) a liberdade de consciência e a liberdade religiosa, são outros tantos elementos do bem comum; d) também as condições concretas para o desenvolvimento de cada um na sociedade são elementos do bem comum; e) O respeito aos direitos humanos; f) a adequada distribuição das funções e dos frutos do esforço comum, de vez que uma sociedade goza em comum do bem-estar material e moral de seus membros [...]. Em resumo, o bem comum e o bem integral da vida humana formam um todo. Velar pelo bem comum é dever de todos.<sup>43</sup>*

O bem comum tem como base e ao mesmo tempo como objetivo o bem viver, expressão muito utilizada hoje. O bem comum desmascara a idolatria da riqueza, porque ele põe em comum a riqueza de cada um; também a idolatria do poder, porque ele põe todos a serviço de todos. Um dos resultados da vivência do bem comum é a paz almejada, não na forma de irenismo, mas naquela forma integradora das reivindicações sociais, sobretudo as que têm a ver com a distribuição de renda, a inclusão social dos pobres e dos direitos humanos. Essas reivindicações sociais não podem ser sufocadas, desqualificadas, taxadas preconceituosamente de comunismo, com o pretexto de construir um consenso de escritório ou por meio de conversas entre autoridades, de acordos feitos ao redor de

<sup>43</sup> BIGO, Pierre; ÁVILA, Fernando Bastos de. *Fé cristã e compromisso social: elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. p. 96-97.



uma mesa suculenta do café da tarde, como acontecem nos palácios; da mesma forma, assim não se pode construir uma paz efêmera para uma minoria feliz. “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Francisco afirma “que quando esses valores são afetados, é necessária uma voz profética.”<sup>44</sup>

### 3 „Fratelli, sorelle e amici tutti“

#### 3.1 O novo humanismo

Este é o ponto fulcral: concomitantemente desenvolver processos que pensam e elaboram uma nova concepção de humanismo e desenvolver processos de implementação desse novo humanismo, possível e realizável. Se observamos o que escreve um dos maiores e principais pensadores da atualidade, de corte decolonial, um camaronês, professor e pesquisador em história e ciência política, que aprecio muito, Achille Mbembe,<sup>45</sup> de que não há sinais de que o humanismo se imporá sobre as desigualdades, as violências, a necropolítica, as atrocidades como as guerras, o racismo, o feminicídio, o retorno abjeto do fascismo e da destruição do meio ambiente,<sup>46</sup> resta-nos e põe-nos à prova, ao extremo, a construção de um novo humanismo, que por sua vez encontra-se em forma de sementes em semeadura e brotos nascendo um pouco em cada canto.

A Igreja, que deve trabalhar muito, incansável e constantemente para ser fiel ao Reino de Deus, anunciado por Jesus e por ele implantado onde quer que haja a realidade do amor, justiça, paz, perdão, fraternidade, convivência, da fé e da esperança, para que seja, ela mesma, a melhor expressão desse Reino de Deus (e jamais de si própria), precisa, *ipso facto*, propor a todos

*um humanismo à altura do desígnio de amor de Deus sobre a história,  
um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem*

<sup>44</sup> FRANCISCO, 2013, n. 218, p. 176.

<sup>45</sup> Autor, dentre outras obras importantes, de MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 8. reimpres. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Também *Crítica da razão negra*. 4. reimpres. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

<sup>46</sup> MBEMBE, Achille. *A era do humanismo está terminando*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2662370&forceview=1>. Acesso em: 2 out. 2023.



*social, econômica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, e se realizar na paz, na justiça e na solidariedade.*<sup>47</sup>

A perspectiva do Reino de Deus, quando se aborda o novo humanismo, incute, com sabedoria, que ele transcende uma organização social, econômica e política, que se quer definida ou definitiva. O humanismo do Reino incita a sermos mais humanos na família humana e na sua história, contra as constantes tentações dos totalitarismos, fazendo-nos luz do mundo e sal da terra, iluminação e saborização, com vistas a uma sociabilidade humana que faz a todos realizarem-se integralmente, praticarem a justiça e a solidariedade para que todos sejam irmãos e irmãs, mirando a transcendência e a vida em Deus.

Em visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, em Santiago, o Papa Francisco fez um pronunciamento com o intuito de inserir as universidades no esforço, que deve ser de todos, de criar processos iluminadores da cultura, propondo um novo humanismo, como um ato audacioso, exigente e necessário, mas também se constitui em um apelo da realidade contemporânea.

*Hoje a missão que tendes nas mãos é profética. Sois chamados a gerar processos que iluminem a cultura atual, propondo um humanismo renovado que evite cair em qualquer tipo de reducionismo. E esta profecia, que nos é solicitada, impele-nos a buscar eventuais espaços mais de diálogo que de conflito; espaços mais de encontro que de divisão; caminhos de amistosa discrepância, porque se diverge, com respeito, entre pessoas que caminham procurando lealmente progredir em comunidade para uma convivência nacional renovada.*<sup>48</sup>

Ao mesmo tempo, a própria Igreja, ao fazer a proposta de um humanismo assim caracterizado, que nos dá asas para nomeá-lo, como o faz o Papa Francisco, como um novo humanismo, convoca a todos os homens e mulheres humanistas, de boa vontade, a se matricular na oficina de sua construção, como em um grande canteiro de obras, porque

*um tal humanismo pode realizar-se se cada homem e cada mulher e suas comunidades souberem cultivar as virtudes morais e sociais em si*

<sup>47</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2005, n. 19, p. 24.

<sup>48</sup> FRANCISCO. Pronunciamento à Pontifícia Universidade Católica do Chile, em 17/01/2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco\\_20180117\\_cile-santiago-pontuniversita.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180117_cile-santiago-pontuniversita.html). Acesso em: 2 out. 2023.



*mesmos e difundi-las na sociedade, de forma que 'assim aparecerão, com o necessário auxílio da graça divina, homens realmente novos, construtores de uma humanidade nova'.<sup>49</sup>*

Reino de Deus e novo humanismo estão entrelaçados como corpo e alma, no amor, porque Deus é amor; pelo amor, porque a cada dia vamos vivendo o amor e humanizando pessoas e estruturas facilitadoras do humanismo, até que se possa ouvir, solenemente,

*vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós, desde a fundação do mundo. Pois, eu tive fome e me destes de comer. Tive sede e me deste de beber. Era peregrino e me acolhestes. Estive nu e me vestistes; doente e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim [...]. Cada vez que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes (Mt 25,35-36.40).*

O novo humanismo é prático, como prática é a vida cristã e o cristianismo, que renunciou ser apenas uma filosofia de vida ou um conjunto de reflexões teológicas ou ainda uma religião qualquer. O cristianismo é um projeto de vida, por isso ele inclui todos os aspectos palpáveis na vida humana e na vida do planeta; por isso ele, sendo circundado de um novo humanismo possível, desce à realidade para propor, por exemplo,

*que agora é a hora de um novo projeto Neemias, um novo humanismo que possa canalizar essa irrupção de fraternidade e pôr fim à globalização da indiferença e à hiperinflação do indivíduo. Precisamos voltar a sentir que necessitamos uns dos outros, que somos responsáveis pelos outros, inclusive pelos que ainda não nasceram e pelos que ainda não são considerados cidadãos.<sup>50</sup>*

Nessa mesma perspectiva, ocupado em tornar real a fraternidade e amizade social, o Papa Francisco instiga a reflexão e aplicação da renda básica universal, nos seguintes termos:

*acredito que seja a hora de explorar conceitos como o de renda básica universal: [...] um pagamento fixo incondicional a todos os cidadãos, que poderia ser distribuído através do sistema tributário. A renda básica universal poderia definir as relações no mercado laboral, garantindo às pessoas a dignidade de rejeitar condições de trabalho que as aprisionam*

<sup>49</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2005, n. 19, p. 24.

<sup>50</sup> FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 55.



*na pobreza. [...] Políticas com essa também podem ajudar as pessoas a combinar tempo dedicado a trabalho remunerado com tempo para a comunidade.*<sup>51</sup>

A lei da renda básica universal, com o nome de renda de cidadania, já foi promulgada no Brasil,<sup>52</sup> por incrível que pareça. Essa lei precisa ser regulamentada e implementada, por se tratar de um dispositivo importante para fazer valer a amizade social e uma melhor distribuição de renda, especificamente para os mais pobres.<sup>53</sup> O “ter tempo para a comunidade” é um cuidado proposto por Francisco, de muita sensibilidade e senso de realismo, porque no tempo da comunidade são potencializadas a proximidade, as reflexões em vista de novos projetos, o exercício da solidariedade, dando corpo à amizade social, à prática religiosa e às expressões de fé.

### 3.2 A comunitarização social e eclesial

Há uma primazia da comunidade sobre a sociedade. A sociedade é a grande comunidade, onde o ser humano nasce, vive e morre, tão grande que precisa expressar-se em comunidades menores e de todo o tipo, onde as relações interpessoais ganham proeminência, onde as pessoas se agrupam por interesses comuns, por traços identitários, por reconhecimento histórico, por causas agregadoras, por lutas a serem assumidas, por enfrentamentos a problemas.

A sociedade será tanto mais importante quanto mais importarem as comunidades. Todos esses processos se dão de maneira saudável nas realidades presenciais e, também, virtuais. Se é verdade que nas redes sociais há deformações comunitárias, fomento do individualismo exacerbado, disseminação do ódio, o notamos também na realidade concreta. Portanto, esse não deve ser o impeditivo para que o imperativo da comunidade se aplique ao presencial e ao virtual.

<sup>51</sup> FRANCISCO, 2020, p. 143.

<sup>52</sup> Trata-se da Lei 10.835, de 08 de janeiro de 2004, depois de longos estudos e trabalhos do então senador Eduardo Suplicy e especialistas, publicada no Diário Oficial da União, Ano CXLI, nº 6, dia 09 de janeiro de 2004, em uma emocionante e singela solenidade.

<sup>53</sup> Toda a história e os estudos sobre essa matéria encontram-se em SUPPLICY, Eduardo Matarazzo. *Renda de cidadania: a saída é pela porta*. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.



É urgente, contudo, retomar e impulsionar comunidades. No campo eclesial, há um enfraquecimento das comunidades da base da Igreja, tanto das Comunidades Eclesiais de Base, quanto das comunidades tradicionais ao redor das igrejas. Ao se promover o enfraquecimento das comunidades, promove-se certa desativação da Igreja, já que a comunidade é a célula *mater* da Igreja. Por isso, não retomar as comunidades como elemento prioritário das diretrizes da ação evangelizadora do Igreja no Brasil, das ações pastorais, dos projetos de evangelização, significa macular a Igreja e prejudica sua identidade fundamental.

Na realidade, em nome de necessárias mudanças da linguagem há os que propõem substituir a linguagem das comunidades, do compromisso com o Evangelho, das várias pastorais específicas, da espiritualidade bíblica e encarnada, do canto pastoral, da vida sacramental, dos sinais dos tempos e do Reino de Deus – todas atualíssimas – pela arcaica linguagem do devocionismo, sacramentalismo, do clericalismo e da misoginia, do esteticismo e da aporofobia, do espiritualismo e pentecostalismo, que expressam muito mais o retrocesso da Igreja do que sua contemporaneidade, sua renovação, sua reforma. A linguagem da Igreja precisa de mudanças para que ela volte a ser significativa e relevante aos que já a listam com outras instituições, que vivem incensando o passado e já não conseguem falar aos homens e mulheres de hoje.

“Por uma Igreja sinodal” é mais do que o nome ou o tema do sínodo mais atípico, participativo e instigante da história da Igreja; é um projeto para fazer sinodal a Igreja que não é sinodal, senão em experiências localizadas e específicas. “Por uma Igreja sinodal” corresponde, exatamente, a “por uma Igreja comunitária”. A sinodalidade da Igreja é a sua comunitariedade, já que a comunidade reúne e une a todos os seguidores de Jesus, no caminho do Reino de Deus, rumo ao Pai, na luz do Espírito, vivendo a fraternidade cristã e a amizade social, de forma participativa em todos os níveis.

Nesse sentido, é bom definir algumas palavras, ainda que de forma sucinta, que ganham espaço na linguagem atual, que expressam bem o desejo da campanha da fraternidade sobre a própria fraternidade, que se apresenta em forma de amizade social, aquela que alcança os pequeninos e os pobres e o desejo de destacar o lugar da comunidade em todos esses processos: Eclesialidade é o modo de a Igreja identificar-se. Sinodalidade é modo de a Igreja ser. Ministerialidade é o modo de a Igreja servir. Colegialidade é modo de a Igreja atuar. Comunitariedade é o modo de



a Igreja concretizar-se, organizar-se, fazer-se presente, incluir a todos, testemunhar, aprofundar a Palavra de Deus, celebrar o que ela crê, dar centralidade a Jesus, evangelizar, colaborar nas transformações da sociedade. Essas definições fotografam a Igreja sinodal.

As comunidades autenticamente eclesiais são aquelas que estão sempre atualizando o Concílio Vaticano II, com grande potencial evangelizador. Elas são o *habitat* para o cultivo da fraternidade e da prática da amizade social, estendida para o conjunto da sociedade. Quanto mais comunidades, mais fraternidade; quanto mais fraternidade, mais amizade social.

### 3.3 A fraternidade real

O cuidado a ser tomado, com máxima vigilância, é não transformar a fraternidade em um discurso vazio de conteúdo e de sentido. A linguagem estéril cria sensações de fraternidade, e não fraternidade efetiva e afetiva. O discurso generalista, tão fortemente presente em pessoas de Igreja, de leigos clericalizados e membros de grupos conservadores, de padres e bispos, não provoca uma disseminação de fraternidade, mas tão somente uma disseminação de falação discursiva, repetitiva, enfadonha, previsível, exibicionista e asséptica, abstrata, às vezes professoral, genérica, sem destinatário, sobre a fraternidade. O mais grave é quando as atitudes e o modo de viver de quem prega não se torna testemunho de vida, desautorizando, assim, até o discurso sobre a fraternidade.

Algumas orientações da Igreja são primorosas na apresentação de diversos elementos que tornam a fraternidade real. Tomo alguns para exemplificar ações que podem ser praticadas, com o cuidado de elencar aquelas consideradas mais relevantes e consequentes para a amizade social.

#### 3.3.1 Respeitar a dignidade dos outros<sup>54</sup>

Esse respeito decorre da concepção de que dignidade humana é inalienável e inviolável, em qualquer época ou circunstância. É algo intrínseco à condição humana e ao plano salvífico de Deus. É algo central na teologia cristã. Ninguém pode se sentir no direito de tocar a dignidade de quem quer que seja.

<sup>54</sup> FRANCISCO, 2020, n. 213, p. 111-112.



### 3.3.2 Exercitar constantemente a amabilidade<sup>55</sup>

A realidade que vivemos tem alto grau de perversidade e de ódio. A amabilidade é uma arma potente para imobilizar e superar as relações definidas pela maldade e pela crueldade; a pressa que nos impede de considerar o outro; os vícios que impedem reconhecer o direito à alegria e felicidade do outro; o hedonismo machista; o narcisismo que atropela os outros. Amabilidade não é uma superficialidade nem mesmo um valor burguês, pois ela facilita a transformação do estilo de vida das pessoas e a criação da cultura do encontro até que o encontro se torne cultura.<sup>56</sup> O ágape é o amor não a si mesmos, mas ao outro, como outro, por ele mesmo e não por mim. A reunião de pessoas dispersas, no face-a-face da unidade, da comunhão é a comunidade, onde há o bem comum, baseado na fraternidade.<sup>57</sup>

### 3.3.3 Cuidar da casa comum<sup>58</sup>

A prática da ecologia integral ou do eco-humanismo, revolucionada pela *Laudato Si, mi Signore* (Louvado sejas, meu Senhor) e agora fortalecida pelo grito grandiloquente do Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Laudate Deum* (Louvai a Deus), sobre a crise climática,<sup>59</sup> dirigida a todas as pessoas de boa vontade, elucida, fartamente, a proposta do Papa Francisco para o mundo, denuncia a insuportabilidade do sistema econômico predominante no planeta, o capitalismo, insuportável para os camponeses, trabalhadores, comunidades, insuportável para os povos e para a Terra.<sup>60</sup> Zelar pela casa comum é zelar pela fraternidade e pela eco-fraternidade, com grandes ganhos para a amizade socioambiental.

<sup>55</sup> FRANCISCO, 2020, n. 224, p. 115-116.

<sup>56</sup> FRANCISCO, 2020, n. 216, p. 113.

<sup>57</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 20-21.

<sup>58</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

<sup>59</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Laudate Deum: sobre a crise climática*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html). Acesso em: 4 out. 2023.

<sup>60</sup> ABDALLA, Maurício. Eco-humanismo e anticapitalismo. In: GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol; SOUZA, Robson Sávio Reis; ALVES, Claudemir Francisco; PENZIM, Adriana Brandão. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI, a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 163-199.



### 3.3.4 *Incluir e mobilizar sempre os pobres pelas necessárias transformações*<sup>61</sup>

Não há transformações na sociedade e na mentalidade da sociedade sem os pobres, é como ser, metaforicamente, refém dos pobres, “o outro” por excelência: com eles, sim; sem eles, não é possível. Três vezes Francisco menciona esse imperativo: “nenhuma mudança autêntica, profunda e estável é possível, se não se realizar a partir das várias culturas, principalmente dos pobres.”<sup>62</sup> “Quando se trata de recomeçar, sempre há de ser a partir dos últimos.”<sup>63</sup> É necessário e urgente, reclama Francisco no III Encontro Mundial dos Movimentos Populares, superar a ideia de políticas públicas concebidas *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres e *dos* pobres.<sup>64</sup> A democracia carece de defesa e fortalecimento em muitos países e, claramente no Brasil. Ela será mais forte na medida em que se reconhece que sem os pobres a “democracia atrofia-se, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai-se desencarnando, porque deixa fora o povo em luta diária pela dignidade, na construção de seu destino.”<sup>65</sup>

### 3.3.5 *Tomar o Reino de Deus como o face-a-face absoluto*<sup>66</sup>

O Reino de Deus é a realização plena, da forma que segue, segundo o caminho das bem-aventuranças (Mt 5,3): os que agora são pobres, deles é o Reino dos céus. Os que agora sofrem, serão consolados. Os que agora são oprimidos, herdarão da terra. Os que agora têm fome serão saciados. Os que agora servem, serão servidos. Os que têm o coração reto, estarão face-a-face com Deus. Diante das negatividades da sociedade desigual e injusta, o Reino é a realização total do ser humano, a positividade absoluta, irreversível e infinita.<sup>67</sup>

<sup>61</sup> FRANCISCO, 2020, n. 220, p. 114.

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> FRANCISCO, 2020, n. 235, p. 122.

<sup>64</sup> FRANCISCO, 2020, n. 169, p. 90.

<sup>65</sup> FRANCISCO, 2020, n. 169, p. 91.

<sup>66</sup> FRANCISCO, 2013, n. 180-181, p. 148-150.

<sup>67</sup> DUSSEL, Enrique, 1986, p. 23-24.



### 3.3.6 Colocar a Igreja em constante transformação<sup>68</sup>

A Igreja de Cristo, ensina o Papa Francisco, pode perder o entusiasmo por não escutar o Senhor chamando para o risco da fé. Os jovens, sensíveis à fraternidade, podem ajudá-la a se firmar, não cair na corrupção, não se acomodar, não ser orgulhosa, não de tornar uma seita, a ser pobre e dar testemunho, a estar próxima dos últimos e descartados, a lutar por justiça, a se deixar interpelar.<sup>69</sup> As mudanças na Igreja exigem conversão. Uma das conversões mais difíceis de se alcançar é a conversão pastoral e missionária, porque só ela impedirá que as coisas simplesmente continuem como estão. Por isso o papa, como que desenhando o que é necessário fazer, para ser bem compreendido, afirma, categoricamente que é preciso “transformar tudo” e cita exemplos: costumes, estilos, linguagem, horários e toda a estrutura eclesial”, saindo do conforto da autorreferencialidade e autopreservação.<sup>70</sup>

### 3.3.7 Institucionalizar o bem viver

Francisco cita Paul Ricoeur para explicar que não há vida privada se não for protegida por uma ordem pública. Do mesmo modo não é possível assegurar um lar acolhedor doméstico com a necessária intimidade, como é desejável para todas as famílias, se não estiver sob a tutela da legalidade. É necessário um mínimo de bem-estar garantido pela divisão do trabalho, pelas trocas comerciais, pela justiça social e pela cidadania política. O bem-viver passa a ser uma regra universal, portanto, precisa ser garantido para todos, como expressão de dignidade e, também, de igualdade.<sup>71</sup>

### 3.3.8 Praticar o amor político e incentivar a que o pratiquem decisivamente<sup>72</sup>

A fraternidade e a amizade social dependem do reconhecimento de que todos são irmãos e irmãs e isso tem consequências práticas na

<sup>68</sup> FRANCISCO, 2023, n. 25-27, p. 23-25.

<sup>69</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019. n. 37. p.23.

<sup>70</sup> FRANCISCO, 2013, n. 25,27, p. 23.25.

<sup>71</sup> RICOEUR, Paul. *Histoire et vérité*. Paris, 1967. p. 122, *apud* FRANCISCO, 2020. n. 164. p. 87.

<sup>72</sup> FRANCISCO, 2020, n. 180-182, p. 95-96.



distribuição dos bens imateriais e materiais a todos, para que todos tenham iguais condições de se realizarem como pessoas, na comunidade e na sociedade, o que implica o “amor político”.

O início do amor político se dá quando uma pessoa ajuda a outra que se encontra em situação de carência; ele avança e alcança o seu topo quando as pessoas se unem para desencadear processos sociais de fraternidade e justiça para todos, por uma nova ordem social, econômica e política. A ação, fruto do amor político, beneficia o conjunto, a comunidade, algum segmento específico da população. Para isso o Papa Francisco convida a todos a revalorizarem a política, como sublime vocação, como uma das formas mais altas de caridade, porque busca o bem comum.<sup>73</sup>

## Conclusão

A fraternidade e a amizade social são características da linguagem e da realidade. Elas precisam ser apreendidas como construção permanente, porque são sempre inacabadas, o que lhes assevera o desafio de a cada tempo assimilar as necessidades das pessoas e dos povos e transformá-las em efetiva fraternidade.

O compromisso com a fraternidade e a amizade social é de todos e cada um. É um compromisso prioritário de governos e autoridades. É um compromisso de instituições que têm a sua razão de ser no serviço à comunidade. Esse compromisso é uma necessidade da Igreja, tanto em tempo de campanha da fraternidade quanto no cotidiano da vida de fé, do caminhar da comunidade eclesial. A edificação da fraternidade não é uma articulação de meras atividades assistenciais, porque a fraternidade está impressa na herança de Jesus Cristo, ao redor do qual os fiéis se encontram para dele se alimentarem e a partir dele agirem, darem testemunho. A fraternidade faz parte da natureza da comunidade eclesial, porque ela emana da fé em Jesus Cristo, que se fez pobre por nós e servidor da humanidade.

Para o cristão e a cristã, em Jesus encontra-se o fundamento para a sustentação da fraternidade e da amizade social, da solidariedade e da destinação universal dos bens, da defesa da dignidade e da liberdade, da justiça e da paz.

<sup>73</sup> FRANCISCO, 2020, n. 180, p. 95-96.



Papa Francisco, com a autoridade que lhe é conferida pelo cargo que ocupa, mas muito acima disso, pela autoridade que lhe confere a sua espiritualidade, seu testemunho de vida, seu serviço à humanidade, prega que

*Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura.<sup>74</sup>*

Quando se inicia a fraternidade e a amizade social tocando a carne dos pobres, essa fraternidade prorromperá em amizade social, com grande poder libertador de todas as amarras da vida.

É preciso começar tocando a carne dos pobres!

## Referências

ARAÚJO, Manfredo. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Brasília: Edições CNBB, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003.

BIGO, Pierre; Ávila, Fernando Bastos de. *Fé cristã e compromisso social*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

CNBB. *A desigualdade social no Brasil*. V. 2. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CNBB. *Crises e superações*. V. 3. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja: 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

<sup>74</sup> FRANCISCO, 2020, n. 270, p. 212.



CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CNBB. *Missal Romano*. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

DE MORI, Geraldo (org.). *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2022.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 1997.

DUSSEL. Enrique. *Ética comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos: como os fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019.

FAUS, Jose Ignacio González. *Ultradireita católica: são católicos ou jansenistas*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632333-ultradireita-catolica-sao-catolicos-ou-jansenistas-artigo-de-jose-ignacio-gonzalez-faus>. Acesso em: 23 set. 2023.

FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate: sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Laudate Deum: sobre a crise climática*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html). Acesso em: 4 out. 2023.



FRANCISCO. Pronunciamento à Pontifícia Universidade Católica do Chile, em 17/01/2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco\\_20180117\\_cile-santiago-pontuniversita.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180117_cile-santiago-pontuniversita.html). Acesso em: 2 out. 2023.

FRAGA, Brian. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631803-bispo-do-texas-domjoseph-strickland-diz-que-o-sinodo-de-roma-revelara-verdadeiros-cismaticos>. Acesso em: 23 set. 2023.

MOL GUIMARÃES, Joaquim Giovanni; SOUZA, Robson Sávio Reis; ALVES, Claudemir Francisco; PENZIM, Adriana Maria Brandão. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 163-199.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARDER, Ives-Jean. Amor. In: LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 111.

JOÃO XXIII. *Mater et magistra: sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã*. N. 111. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html). Acesso em: 25 set. 2023.

LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.

LAFON, Michel. *15 dias de oração com Charles de Foucauld*. São Paulo: Paulinas, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. *Altrimenti che essere o al di là dell'essenza*. Milano: Jaca Book, 1983. p. 273.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. *A era do humanismo está terminando*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2662370&forceview=1>. Acesso em: 2 out. 2023.

NODARI, Paulo César. *Fraternidade e amizade social: uma introdução à leitura da Encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2022.



PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RHANER, Karl. *O cristão do futuro*. São Paulo: Fonte Editorial, [19--?].

SASSE, Cintia. *Recordista em Desigualdades*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Acesso em: 21 set. 2023.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.

SORGE, Bartolomeo. *Breve curso de doutrina social*. São Paulo: Paulinas, 2018.

SUPLICY, Eduardo Matarazzo. *Renda de cidadania: a saída é pela porta*. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

STIGLITZ, Joseph E. *O preço da desigualdade*. Lisboa: Bertrand Editora, 2016.

TRIGO, Pedro. *Papa Francisco: expressão atualizada do concílio vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.